

As causas e consequências do desacelerado crescimento do meio-oeste de Santa Catarina

Helin Perazzoli ¹

Ildo Fabris ²

Resumo

O presente artigo trata de um estudo envolvendo as causas e as consequências do lento desenvolvimento do meio-oeste de Santa Catarina em se comparado com as demais regiões do estado. Foram abordados aspectos históricos da colonização e posteriormente foram levantados dados referente população, economia, educação, emprego e interesses políticos sobre a região meio-oeste. O referido trabalho adotou como metodologia a análise de livros, artigos, páginas da internet, bem como pesquisa quantitativa com personalidades políticas e empresários da região pesquisada onde apresentaram opiniões a respeito do tema e sugestões de atitudes que poderiam ser tomadas para um melhor aproveitamento dessa região do estado.

Palavras-chave: Meio-oeste, Santa Catarina, desenvolvimento.

Abstract

The present article is a study of the causes and consequences of the slow development of the midwest of Santa Catarina when compared to the other regions of the state. Historical aspects of colonization were discussed, and data on population, economy, education, employment and political interests on the midwest region were subsequently collected. This work adopted as a methodology the analysis of books, articles, internet pages, as well as quantitative research with political personalities and entrepreneurs of the researched region where they presented opinions on the subject and suggestions of attitudes that could be taken for a better use of this region of State.

1- Aluna do Curso de MBA, em nível de Especialização, em Administração Estratégica e Financeira, UNOESC – Videira/SC, E-mail: helin_perazzo@hotmail.com - Fone: (49) 9165-6725 – Videira – Santa Catarina - Brasil.

2- Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau – FURB; Especialista em Auditoria e Consultoria Empresarial – UNOESC Videira; Professor titular na área de Ciências Sociais e Aplicadas – Unoesc Campus Videira; e-mail: ildo.fabris@unoesc.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Santa Catarina é um estado brasileiro, localizado na região sul do País. Segundo IBGE (2015), a população do estado é de 6.819.190 habitantes, e possui uma área de 95.733,978 km², sendo dividida em seis mesorregiões, sendo elas: Grande Florianópolis, Norte Catarinense, Oeste Catarinense, Serrana, Sul Catarinense e Vale do Itajaí. Faz parte do presente estudo a microrregião do meio-oeste pertencente a mesorregião do oeste Catarinense, e que segundo dados do SEBRAE (2013) e considerado para esse estudo, engloba 32 municípios sendo eles: Água Doce, Arroio Trinta, Caçador, Calmon, Capinzal, Catanduvas, Erval Velho, Fraiburgo, Herval d'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Iomerê, Ipira, Jaborá, Joaçaba, Lacerdópolis, Lebon Régis, Luzerna, Macieira, Matos Costa, Ouro, Peritiba, Pinheiro Preto, Piratuba, Rio das Antas, Salto Veloso, Tangará, Timbó Grande, Treze Tílias, Vargem Bonita, Videira e Zortea. O presente artigo visa levantar os motivos e as consequências do lento desenvolvimento das cidades pertencentes a região do meio-oeste de Santa Catarina, através de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionário com empresários e representantes políticos da região.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O capítulo trata de um embasamento, historiando no contexto, a situação dos municípios envolvidos no estudo.

2.1 HISTÓRIA

Conforme Heinsfeld et al. p. 140 (2001)

Os portugueses, como sabemos, passaram a ocupar o Brasil a partir de 1500, e o fizeram principalmente a partir do litoral. Grosso modo essa ocupação permaneceu litorânea durante a maior parte de nossa história, com poucas áreas do sertão realmente ocupadas pelos conquistadores das terras brasileiras. Já se passaram 500 anos da colonização portuguesa no Brasil e a ocupação maior do território ainda é litorânea.

Ainda, conforme os autores o fascínio pelo litoral pode ser observado desde aquela época. Tanto que por diversas razões os europeus demoraram para apropriarem-se das demais regiões pertencentes ao sertão brasileiro. Dentre elas o Oeste Catarinense.

Antes da colonização europeia a ocupação das terras do que hoje é o Oeste Catarinense deu-se através dos povos indígenas entre os quais os xokleng e os kaingang. Mas para os povos indígenas e os caboclos a terra não possuía donos, a terra era de todos, ou era do governo. Heinsfeld et al (2001, p. 143) cita que a preocupação dos nativos não era com a propriedade ou o acúmulo de bens, mas sim com sua sobrevivência apenas.

Porém para as autoridades brasileiras, essa área era considerada desocupada e se tratava de uma área territorial disputada pela Argentina. Então em 1850, surgiu a lei de terras, que passou a exigir a escrituração e o registro da propriedade para quem pretendesse ser seu dono. Assim, com o passar do tempo os nativos começaram a se deparar com os estrangeiros, que cercavam as terras e se diziam seus donos, comprovando a posse do registro da terra e o pagamento dos impostos.

De acordo com Piazza (1982, p.213), o povoamento do médio oeste catarinense se consolidou definitivamente com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, pela “Brazil Railway Co”.

Essa obra, gigantesca para a época, foi construída também no intuito de criar as condições de ocupação do território oeste. O que chama atenção é o fato da região litorânea, muito mais povoada e que também pleiteava uma ligação do Sul ao centro do país, não ter sido atendida. Foi *no sertão, no meio do mato*, que a ferrovia foi construída. Isso evidencia os interesses geopolíticos brasileiros de ocupar aquele espaço. O fato de no final do século XIX o governo imperial brasileiro ter planejado a construção da ferrovia, que devia passar próxima ao território contestado pela Argentina, objetivava a colonização e o *aproveitamento econômico* daquela região. (Heinsfeld et al. 2001, p. 144).

A empresa construtora da estrada de ferro, recebeu como parte do pagamento pela obra, terras equivalentes a quinze quilômetros de largura de cada lado da estrada de ferro. Terminados os trabalhos de construção da estrada de ferro a empresa iniciou a apropriação territorial, desalojando seus antigos posseiros e fazendo publicidade oferecendo vantagens a quem ali quisesse se estabelecer.

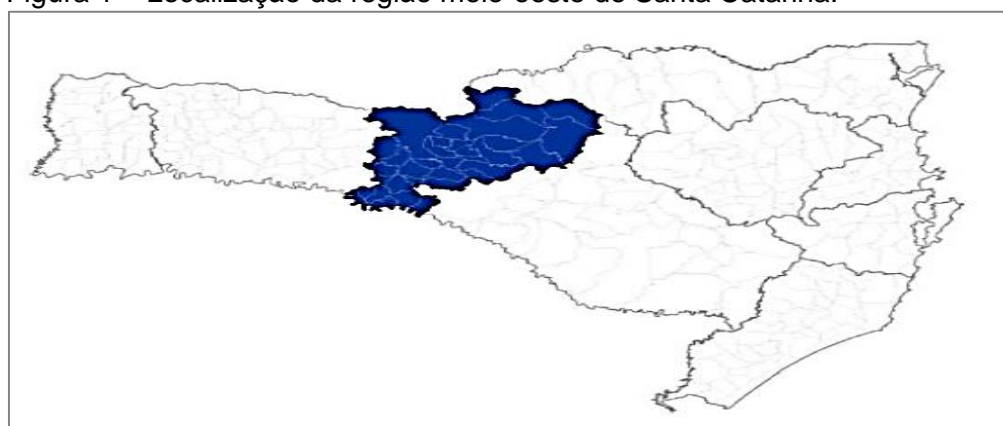
Como as colônias no Rio Grande do Sul já se encontravam perto da saturação, os habitantes de lá (em sua maioria italianos) se dirigiram para essas terras que eram férteis, com clima semelhante ao do Rio Grande do Sul, os preços eram considerados baixos e havia uma grande quantidade de pequenos lotes a venda (para dessa forma atrair mais colonizadores). Dessa forma conforme cita Piazza p. 217 (1982), “os imigrantes foram na sua quase totalidade obrigados a se tornarem agricultores, e mais

exatamente desbravadores de matas, ainda hoje seus descendentes são agricultores e muitas vezes desbravadores de matas”.

2.2 DADOS GERAIS DA REGIÃO MEIO-OESTE DE SANTA CATARINA.

Considerando Joaçaba município sede da microrregião meio-oeste, a capital Florianópolis fica a 383 km, Curitiba-PR a 373 km e Porto Alegre-RS a 416 km.

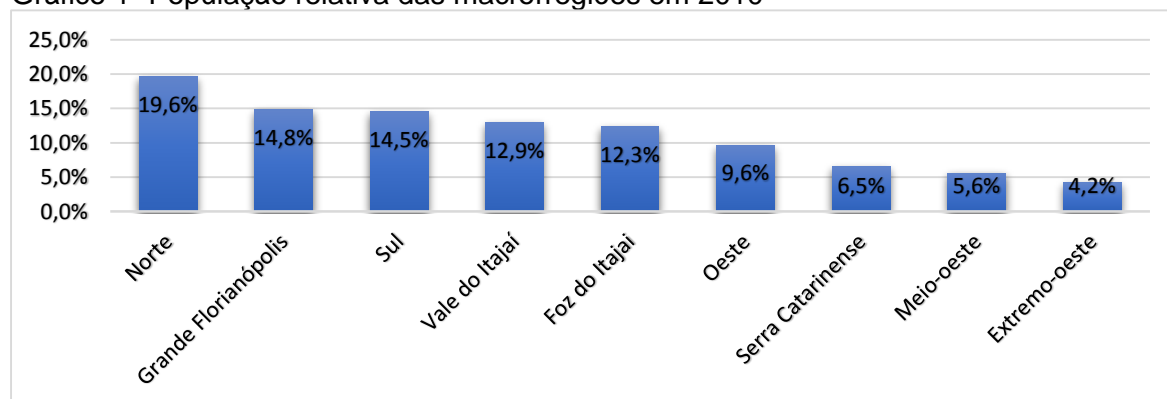
Figura 1 – Localização da região meio-oeste de Santa Catarina.



Fonte: SEBRAE (2013).

Segundo censo populacional do IBGE (2010) a região meio-oeste possui uma população de 349.143 habitantes, o equivalente a 5,6% da população total do estado, que no mesmo ano possuía um total de 6.248.436 habitantes, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

Gráfico 1- População relativa das macrorregiões em 2010



Fonte: Adaptado de SEBRAE, 2013

A movimentação econômica de todos os municípios da região meio-oeste, segundo a composição do PIB, foi de aproximadamente R\$ 7,4 bilhões, o equivalente a 5,7% do PIB estadual, alcançando o 7º maior no comparativo entre as nove

macrorregiões do estado. Ressalta-se ainda que entre 2002 a 2009, a região meio-oeste se manteve em 7º lugar no estado em todos os anos apresentando um crescimento de 98,51%, contra um aumento estadual de 132,91% (SEBRAE, 2013).

2.2.1 Números Universidades:

Considerando os registros do Ministério da Educação-MEC (2016), a região meio-oeste possui apenas 7 instituições de ensino superior na modalidade presencial distribuídas em 6 municípios: Videira, Luzerna, Joaçaba, Fraiburgo, Capinzal e Caçador, sendo as seguintes instituições:

- Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC (Videira, Joaçaba, Fraiburgo e Capinzal);
- Instituto Federal Catarinense – IFC (Videira e Luzerna);
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI (Luzerna);
- Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – Uniarp (Caçador e Fraiburgo);
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC (Caçador);
- Faculdade Ciências Empresariais - Facemp (Caçador);
- Instituto Federal de Santa Catarina –IFSC (Caçador).

2.2.2 Número de deputados:

Em análise de dados referente ao números de políticos representante da região do meio-oeste de Santa Catarina, foi verificado que nas eleições de 2014 para o cargo de deputado estadual foram eleitos 40 deputados, sendo que apenas dois dos eleitos tem origem na região: Natalino Lázare (Arroio Trinta) eleito com 20.932 votos e Romildo Titon (Tangará) eleito com 42.264 votos.

2.2.3 Portos e aeroportos

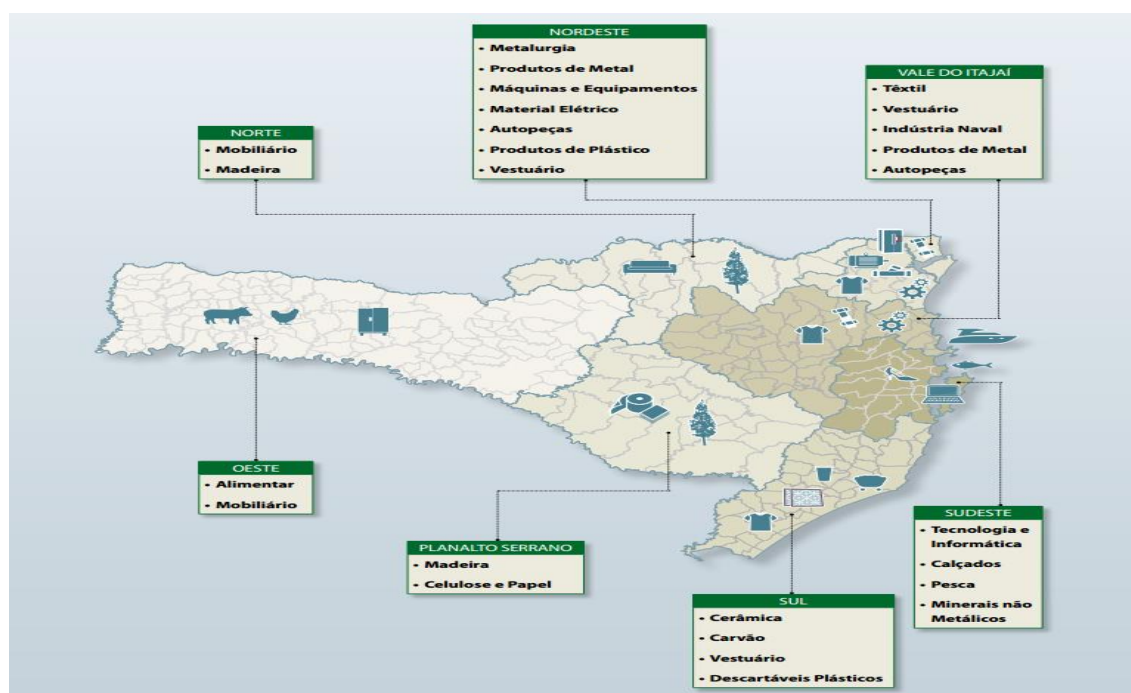
De acordo com dados do SEBRAE (2013, p. 84 e 85) Santa Catarina possui 6 portos localizados nos municípios de Imbituba, Itajai, São Francisco do Sul, Navegantes, Laguna e Itapoá. E possui 21 aeroportos, sendo que 3 deles estão

localizados na região meio-oeste nos municípios de Caçador, Joaçaba e Videira, sendo que Joaçaba e Caçador possuem liberação para voos de no máximo com 30 assentos e Videira não possui voos regulares.

2.2.4 Emprego/Empresas

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2011, existiam 24.781 empresas na região meio-oeste e 109.840 empregos com carteira assinada. A região do oeste possui como principal atividade econômica o setor de alimentação e mobiliário. Conforme nota-se na figura abaixo:

Figura 2: Atividades econômicas



Fonte: SEBRAE (2013).

Percebe-se que a região do meio-oeste possui sua principal economia voltada ao setor primário de produção, (agricultura, pecuária e extrativismo vegetal), atividades que não possuem alto valor agregado de produção, quando se comparado a produção de produtos industrializados.

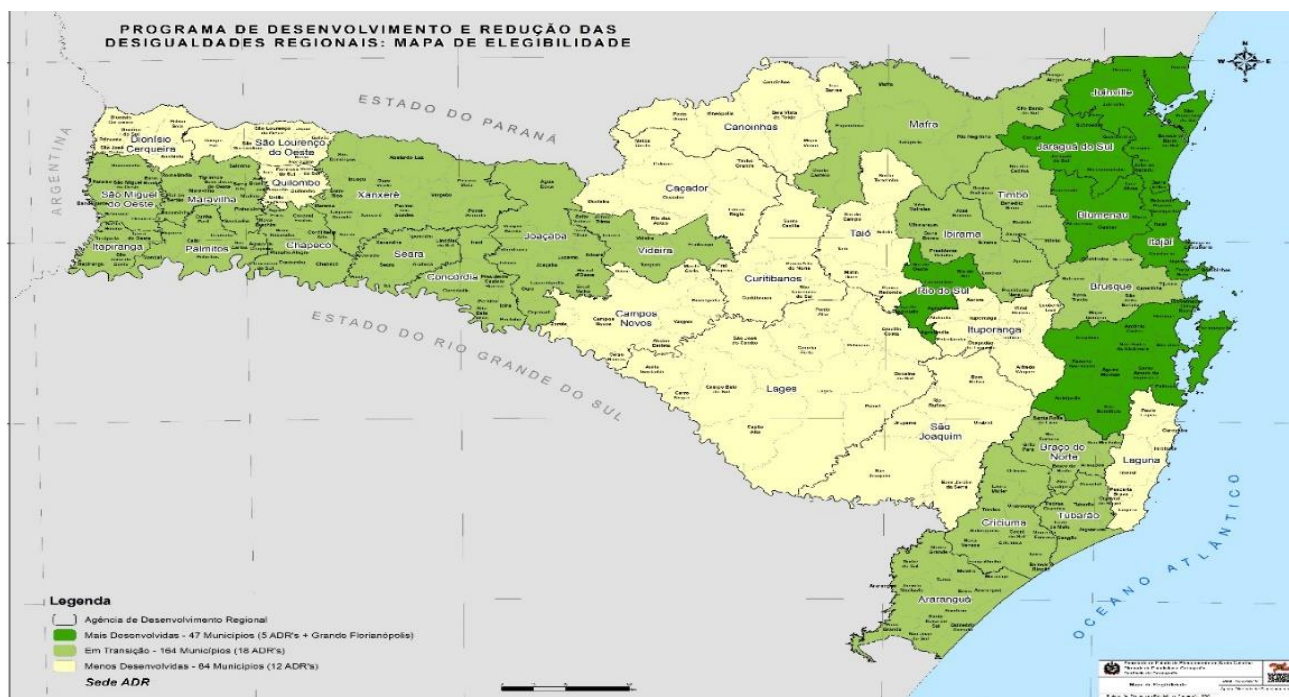
De acordo com Ministério do Trabalho e Emprego (2011), o meio-oeste possui somente 6,1% de participação no total de empresas do estado e 5,3% do total de empregos do estado. Juntas as regiões da Grande Florianópolis, Vale do Itajai e Foz

do Itajaí possuem 43,3% das empresas do estado, contra 21,2% das regiões do meio-oeste, oeste e extremo oeste. No quesito de empregos apenas a região da Grande Florianópolis possui 20,1% do total de empregos do estado, contra 5,3% da região meio-oeste.

2.3 O QUE ESTÁ SENDO FEITO

O governo do estado, através da Secretaria de Estado do Planejamento, lançou em maio de 2016, o Programa de Desenvolvimento e Redução das Desigualdades Regionais, com o objetivo de reduzir desigualdades de 12 regiões do estado que possuem baixos indicadores de desenvolvimento. Conforme observado no mapa abaixo, parte da região meio-oeste é considerada menos desenvolvida e outra parte considerada em transição (de desenvolvimento).

Figura 3 – Mapa de elegibilidade



Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento-SC (2016)

Analisando a Figura, nota-se com clareza que todas as regiões do estado consideradas desenvolvidas localizam-se próximo ao litoral e a capital do estado. Tal constatação leva ao tema das migrações internas abordado por Mioto (2008, p.16-19) que ressalta que as migrações estão diretamente ligadas ao tema da economia e desenvolvimento econômico e que estão historicamente ligadas ao processo de

industrialização e urbanização, ou seja, ao observar o fluxo migratório, deve-se notar também as estruturas econômicas e produtivas das regiões, que são intrínsecas ao processo de deslocamento populacional e de criação e continuação das desigualdades regionais.

Ainda segundo Miotto, 2008 p.17. a partir da segunda metade do século XX, houve concentração territorial e metropolização de diversas regiões e crescimento de cidades de porte médio. Fenômeno esse que está ligado ao forte êxodo rural que possui estreitas relações com a industrialização.

De acordo com artigo publicado no Jornal de Santa Catarina (2014) apud Aristides Cimadon, reitor da Unoesc:

[...] O Oeste catarinense tem muitas cidades pequenas sem estrutura e atenção do governo estadual. Com exceção de Joaçaba e Concórdia, todas têm renda per capita menor que a média estadual. Desde 2000, o que verificamos foi que a região perde jovens, procurando emprego, e também aposentados em busca de infraestrutura.

Ainda de acordo com o Jornal de Santa Catarina, estão localizados no litoral os principais destinos para se viver em Santa Catarina.

Dos dez primeiros municípios que apresentaram maior crescimento percentual de habitantes, nove estão perto do mar de acordo com a pesquisa de Estimativa Populacional em 2014, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Porém, mais do que colocar o pé na areia, esses moradores buscam oportunidade de emprego. Do outro lado, das cidades com maior decréscimo populacional proporcional, o Meio Oeste e Oeste do Estado são as regiões com mais perdas de habitantes e de emprego. “Pesquisadores e representantes do poder público alertam que esse êxodo rural é reflexo da falta de investimentos para essas regiões.” (Jornal de Santa Catarina, 2014).

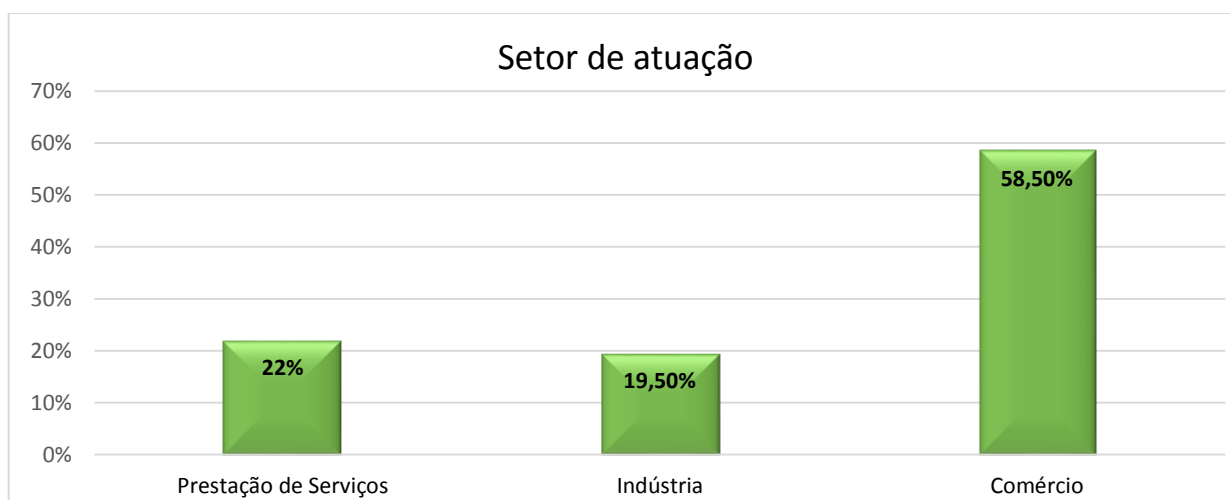
3 RESULTADOS DA PESQUISA

Foi realizada pesquisa através de aplicação de questionário com empresários e representantes políticos da região do meio-oeste de Santa Catarina. O questionário de 8 perguntas foi elaborado através do Google Docs e enviado para o e-mail

comercial de representantes políticos e empresários, e ainda foi pedido o auxílio de alguns CDLs – Câmaras de Dirigentes Lojistas dos municípios abrangidos para divulgação da pesquisa.

Após o período de seis meses aguardando as respostas foram obtidas 48 respostas no total, sendo 41 empresários e 7 representantes políticos.

Dentre os empresários que responderam a pesquisa obteve a seguinte distribuição por área de atuação:

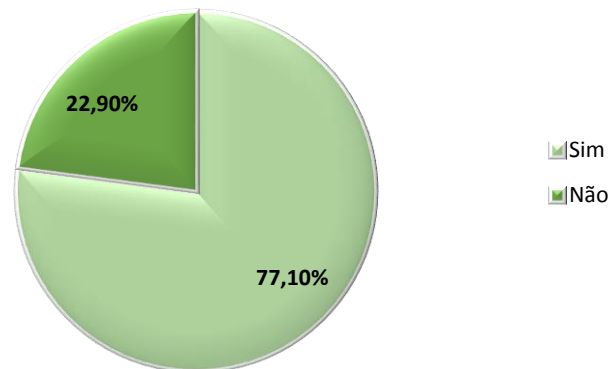


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Nota-se que 58,50% dos empresários que responderam a pesquisa possuem sua principal atividade no comércio, devido a grande parte de distribuição da pesquisa ter sido feita pelos CDLs.

Quando questionados a respeito da opinião sobre a região do meio-oeste de Santa Catarina possuir ou não um desenvolvimento mais lento quando se comparada as demais regiões do estado,

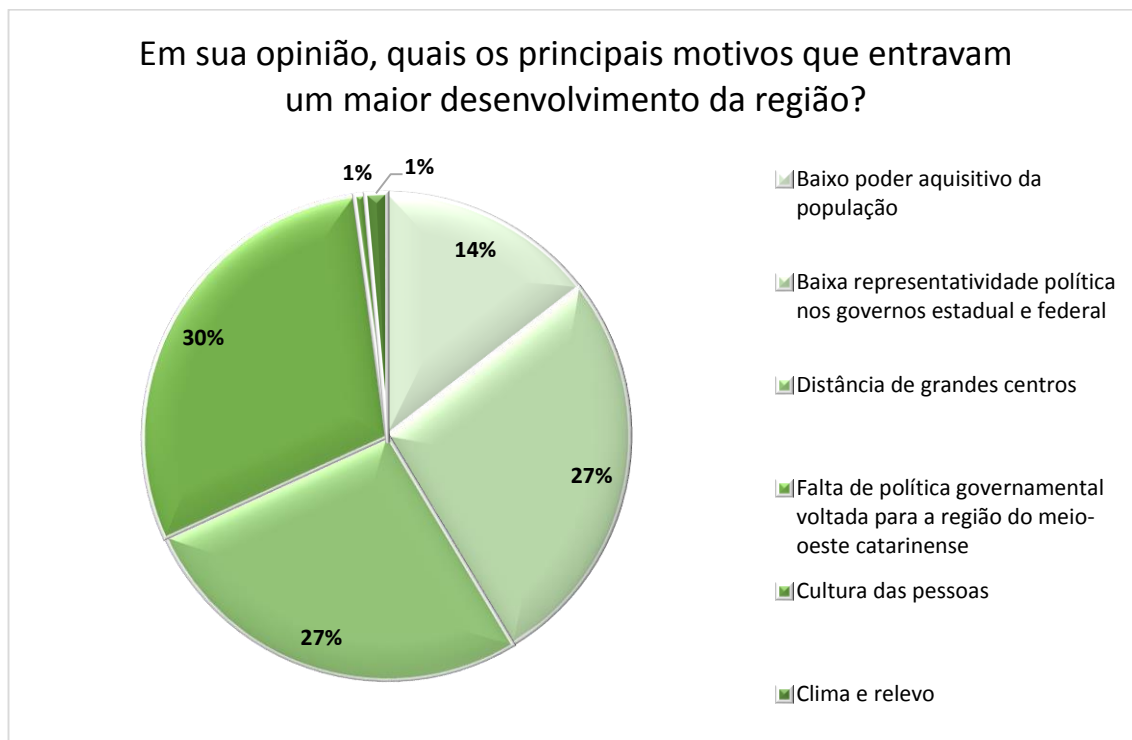
Em sua opinião a região do meio-oeste de Santa Catarina possui um desenvolvimento lento em se comparado com outras regiões do estado?



Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Analisando o gráfico percebe-se que 22,9% dos entrevistados NÃO consideram que a região do meio-oeste possui um desenvolvimento mais lento em se comparado com outras regiões do estado e que 77,1% dos entrevistados consideram que o meio-oeste possui um desenvolvimento mais lento em se comparado as demais regiões do estado.

Quando questionados sobre os principais motivos que entrevam um maior e mais acelerado crescimento da região obteve-se as seguintes respostas:



Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Analisando os dados obtidos nota-se que os critérios “Clima e relevo” e “Cultura das Pessoas” obtiveram apenas 1%, não sendo considerado portanto como causa de um lento desenvolvimento na opinião dos entrevistados.

Nota-se ainda que o principal motivo apontado, com 30% das respostas é a “Falta de política governamental voltada para a região do meio-oeste catarinense”. Seguido por “Distância dos grandes centros” e Baixa representatividade política nos governos estadual e federal” com 27% cada.

CONCLUSÃO

Este artigo procurou traçar um levantamento sobre as causas e as consequências do lento desenvolvimento da região do meio-oeste de Santa Catarina, buscando identificar os motivos que desde a colonização da região levaram a região a ter um desenvolvimento mais lento. O estudo bibliográfico e de campo apontou que a causa desse lento desenvolvimento se deve desde a sua colonização, que se deu em pequenas propriedades rurais, que possuíam sua renda advinda basicamente da

agricultura e pecuária, sendo que até hoje a configuração da região em pequenas propriedades rurais permanece quase que inalterada.

Outro ponto que dificulta seu desenvolvimento é a falta de representatividade política, quando se comparada as demais regiões do estado e a distância de grandes centros de consumo, de emprego e de ensino, como as regiões da Grande Florianópolis, Vale do Itajai, Norte e Foz do Itajai.

A consequência dessa falta de investimento e de políticas governamentais, é o abandono da região, com pessoas migrando para outras localidades do estado, ou até para outros estados, em busca de melhores oportunidades de emprego, renda, opções de lazer, e investimentos.

Por fim, ressalta-se que a região possui grande potencial, porém é muitas vezes esquecida e pouco representada politicamente. Acredita-se que com maiores investimentos em infraestrutura, universidades, rodovias, e incentivos a criação de empregos e empresas, com redução de impostos a região poderia se desenvolver rapidamente, diminuindo as desigualdades regionais no estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA – ALESC.

Disponível em: <http://www.alesc.sc.gov.br/portal_alesc/todos-deputados>. Acesso em: 04 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação-MEC. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>.

Acesso em: 04 jun. 2016.

Diário Catarinense. **Cidades do litoral catarinense têm maior crescimento populacional percentual.** Publicado em: 28 de agosto de 2016. Disponível em:

<<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/08/cidades-do-litoral-catarinense-tem-maior-crescimento-populacional-percentual-4585819.html>>. Acesso em 18 mai. 2016. Autor: **Hyury Potter**

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Secretaria de Estado do Planejamento. Disponível em: <<http://www.spg.sc.gov.br/index.php/noticias/1590-governo-de-santa-catarina-lanca-programa-para-reduzir-desigualdades-com-foco-inicial-em-12-regioes>>. Acesso em 25 mai. 2016.

HEINSFELD, Adelar; et al. **A região em perspectiva**: Diferentes faces da história catarinense. Joaçaba: Edições Unoesc, 2001.

MIOTO, Beatriz Tamasso. **Movimentos Migratórios em Santa Catarina no Limiar do Século XXI**. Florianópolis, 2008. 85 p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PIAZZA, Walter Fernando. **A Colonização de Santa Catarina**. 205 p. 1982.

Santa Catarina em Dados. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC. Florianópolis: FIESC, 2015. 196 p.

Santa Catarina em Números: Macrorregião Meio Oeste. SEBRAE, 2013. Florianópolis: Sebrae/SC, 2013. 139p.

Santa Catarina em Números: Relatório Estadual. SEBRAE, 2013. Florianópolis: Sebrae/SC, 2013. 151p.



APÊNDICE

Questionário